CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O FILME DA ESCOLA: A ESTC NO CORAÇÃO DO CINEMA PORTUGUÊS
22 de Julho de 2023

MALVADEZ / 1990

um filme de LUÍS ALVARÃES

Realização: Luís Alvarães *Argumento*: Luís Alvarães *Fotografia* (16 mm): José António Loureiro *Som*: Vasco Pimentel *Música*: Christopher Bochmann *Adereços*: Miguel Mendes *Guarda-Roupa*: Maria da Luz Villas-Boas *Montagem*: Víctor Moreira *Assistente de Realização*: Fernando Vendrell *Assistentes de Imagem*: Carlos Assis, Horácio Rodrigues *Assistente de Som*: Pedro Melo *Chefe Electricista*: Mário Castanheira *Caracterização*: Alice Valente *Interpretação*: Pedro Hestnes (Matias), Sónia Guimarães (Helena), Vítor Norte (Victor), Miguel Guilherme (Manuel), Maria Amélia Mata (Matilde), Isabel Ruth (mulher), Carlos Gomes (*dealer*), José Mora Ramos (homem da bomba de gasolina), Alfredo Nunes (rufia 1), João Carlos Vaz (jovem do parque de campismo), José Meireles (rufia 2), José Mendes (rufia 3), Rui Peixoto (homem).

Produção: GER Lda.-Grupo de Estudos e Realizações para a RTP/SEC (Portugal, 1990) *Produtor Executivo*: João Pedro Bénard *Chefe de Produção*: Ângela Cerveira *Assistente de Produção*: Rosa Guerra *Cópia*: 16 mm double band, cor, falada em português, 55 minutos *Ante-estreia*: 1 de Junho de 1990 na Cinemateca Portuguesa (Sala Félix Ribeiro, Lisboa).

NOTA
Tanto *Malvadez* como *Um Passo, Outro Passo e Depois…* (a apresentar na mesma sessão; "folha" distribuída em separado) foram rodados para a RTP em película 16 mm. Durante vários anos, os materiais fílmicos no suporte original estiveram por localizar e a única maneira de ver ambos os títulos foi em transcrições vídeo de qualidade deficiente existentes nos arquivos da RTP. No caso de *Malvadez*, a localização e entrada recente no Arquivo da Cinemateca da cópia 16 mm double band que vamos apresentar (bandas de imagem e som separadas com projecção simultânea) permite ver hoje o filme em condições que fazem justiça às suas características originais. O texto desta "folha" actualiza sumariamente o escrito em 2004.

Missing films. É como está escrito acima, andámos anos sem poder *ver Malvadez* e *Um Passo, Outro Passo e Depois…* ou a *vê-los* nas péssimas condições das transcrições vídeos de recurso que, a partir de dada altura, foram contrariando o apagamento puro e simples. *Malvadez* passou outras vezes na Cinemateca nessa condição de "filme perdido", a saber, em 2004, num Ciclo organizado à volta de "Malditos do Cinema Português". Não haverá maior maldição para uma obra do que a do seu desaparecimento, e tem sido o estatuto de *Malvadez* e de *Um Passo, Outro Passo e Depois…* Os dois foram primeiras obras, de Luís Alvarães e de Manuel Mozos, realizadas para a série da RTP "Corações Periféricos". Os dois foram apresentados em película, em ante-estreia na Cinemateca, em 1990, e tiveram outras projecções em festivais europeus. Depois disso, e das respectivas transmissões televisivas, não voltaram a ser vistos em sala senão em retratos pálidos e distorcidos. Manuel Mozos levou doze anos a conseguir concluir a sua obra seguinte, *Xavier* (1991-2002), ironicamente estreado depois da sua segunda longa-metragem de ficção, *Quando Troveja…* (1999). Luís Alvarães filmou depois *O Oiro do Bandido*, em 1994, que só em 2004, aqui na Cinemateca, teve uma primeira apresentação em sala, já que nunca teve estreia comercial e foi directamente editado no mercado videográfico (como aconteceu, por exemplo, também, a *Onde Bate o Sol*, de Joaquim Pinto).

Quando “Corações Periféricos” arrancou, Mozos e Alvarães eram estreantes. Depois de “Fados”, a série da RTP foi a segunda leva de telefilmes, entregues a jovens realizadores, numa saudável aposta a que Fernando Lopes esteve ligado. No caso dos “Corações Periféricos”, a série incluiu quatro títulos (de que parece haver registo de apenas uma transmissão televisiva conjunta). Além dos de Mozos e Alvarães, houve dois outros títulos realizados por Pedro Ruivo e Fernando Ávila, este último alinhado com o título da série e conforme o de uma canção de Rui Veloso e Carlos Tê. A produção de *Malvadez* e de *Um Passo, Outro Passo e Depois…* foi entregue pela RTP a uma produtora externa (a GER, de Joaquim Pinto), sendo interessante reparar no lado “familiar” que os atravessa: foram rodados na mesma altura, pela mesma equipa técnica (grosso modo) e com alguns dos mesmos actores, com destaque para Pedro Hestnes, que voltaria a ser protagonista de Mozos em *Xavier*, depois de *Agosto* de Jorge Silva Melo, antes de *O Sangue* de Pedro Costa. Por outro lado, e como no caso das obras seguintes de Alvarães e Mozos (*O Oiro do Bandido* e *Xavier*, também rodados em alturas próximas, com o mesmo produtor executivo, desta vez para a Invicta), os dois filmes centram-se em Lisboa, realidades e cenários lisboetas. Nas obras seguintes essa fixação em Lisboa é ainda mais concentrada, mas aqui é já da realidade urbana da capital, olhada nas suas franjas, que se trata.

A periferia da Lisboa de *Malvadez*, da Calçada de Carriche ao parque de campismo de Monsanto e outros arredores urbanos-suburbanos ainda marcados pelos vestígios de uma ruralidade sensível, com um pulo a paragens como a Cidade Universitária, participa da peculiaridade do filme. Chega-se à cidade com Pedro Hestnes, no papel do Matias vindo do Fundão, e do tempo de serviço militar obrigatório, de boleia “com” Isabel Ruth para um reencontro com a cidade. Não, justamente, a de *Os Verdes Anos*, mas a da geração que nos anos 1980 se afirmava no cinema português – e de que Pedro Hestnes é rosto ou reflexo consanguíneo – relacionando-se com os filmes dos protagonistas anteriores ao mesmo tempo que explorava o seu caminho. Verdade ou efeito-retrovisor de agora, é também o que se sente na presença de Maria Amélia Mata, a Benilde do *Benilde ou a Virgem Mãe* de Manoel de Oliveira, que surge em *Malvadez* numa das suas outras poucas aparições no cinema. É em sua casa – na casa de Matilde – que Matias se instala no tempo que dura a estadia em Lisboa, mais precisamente no bairro periférico de onde a acção irradia como experiência de hostilidade e desvario. Tratando-se de um reencontro – é a tentativa de Matias – a incursão de reconhecimento da cidade é de confronto com uma realidade alterada por uma perda de inocência que cruza a violência e o crime.

Malvadez não será um filme de malvados, mas é um filme em que a tentação do mal ronda por muito perto, sem se camuflar completamente sob a capota de um carro estacionado em frente a um prédio como já não se usa. Afinal, há assassínios e dissimulações de actos cometidos, um certo fascínio declarado pelo lado sombrio de personagens que se cruzam, aproximam e afastam. Mas mais até do que a narrativa, destaca-se o ambiente, um ambiente urbano de circuitos cortados. Personagens que se reservam um lado enigmático e que, de um modo ou de outro, não parecem confortáveis na sua própria pele. Por outro lado, *Malvadez* mantém um tom lisboeta nas rábulas de personagens como as de Miguel Guilherme, Vítor Norte ou Carlos Gomes que não deixam, por exemplo, de evocar figuras alfacinhas, cheias de lábia e mais titubeantes do que aquilo que aparentam por detrás de tiradas auto-confiantes. Mas é preciso esperar pelo plano final, na estação da Rodoviária – ainda na altura em que os Expressos saíam, em Lisboa, da Casal Ribeiro –, para o plano mais perturbante do filme. O plano que fecha *Malvadez* em paralítico, com as personagens de Hestnes e Sónia Guimarães (Helena, a rapariga sem pistola), lado a lado, prestes a deixar Lisboa, olhando em direcções opostas. É outra a história que aí se anuncia.

Maria João Madeira